

## **DO ALTO DA ARQUIBANCADA: UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA FEMININA NO TURFE DE PORTO ALEGRE (1875/1910)**

Janice Zarpellon Mazo (janmazo@terra.com.br)  
Ester Liberato Pereira (ester\_lp@yahoo.com.br)  
Paula Andreatta Maduro (pmaduro1@gmail.com)

Palavras-chave: turfe, mulheres, memória histórica

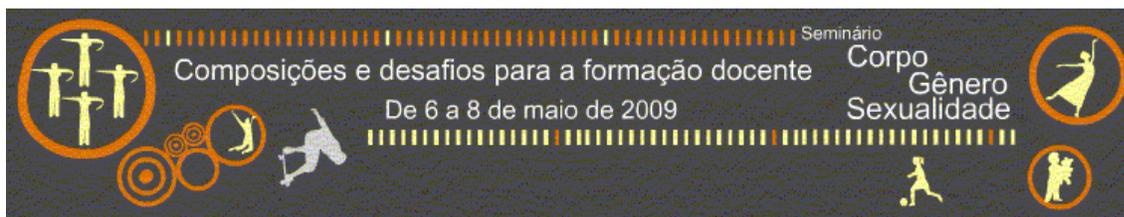
Eixo temático: Gênero e sexualidade nas práticas corporais e esportivas

### **Considerações Iniciais**

A presente pesquisa trata da presença feminina no contexto do turfe em Porto Alegre, cidade na qual esta prática eqüestre se destacou no cenário esportivo desde meados do século XIX. Porto Alegre era o centro das atividades turfísticas do Estado do Rio Grande do Sul nesta época. É provável que a prática do turfe na capital tenha exercido influência na emergência e nas transformações dessa modalidade em outras cidades do interior do Estado. Afinal, havia quatro prados em funcionamento na capital Porto Alegre até o final do século XIX. Hipódromos ou prados, segundo Melo (2007a) são os locais adequados para a prática do turfe.

Por volta do último quarto do século XIX foi o período em que os primeiros hipódromos tiveram sua origem em Porto Alegre. No entanto, a concorrência excessiva que existia entre os prados e as sociedades turfísticas, o surgimento de novos focos de interesse, tais como a prática do futebol e o cinema, a mudança nas características valorizadas pela cultura burguesa em formação e a crise econômica derivada da Revolução Federalista (1893/1895) que também atingiu o setor turfístico contribuíram para desencadear uma crise no turfe da cidade (PEREIRA, 2008). Em consequência ocorreu o fechamento de quase todos os hipódromos no início do século XX, exceto o grande hipódromo da cidade: Hipódromo Independência.

Para a população atual de Porto Alegre, constitui tarefa árdua imaginar a importância e a dimensão que as corridas de cavalo apresentavam há um século para a vida cotidiana da cidade, já que, atualmente, a atividade turfística enfrenta uma situação de crise e o único Prado ainda vigente na cidade, no Bairro Cristal, encontra-se decadente. Nesse sentido, a relevância deste estudo está em sua contribuição para, além

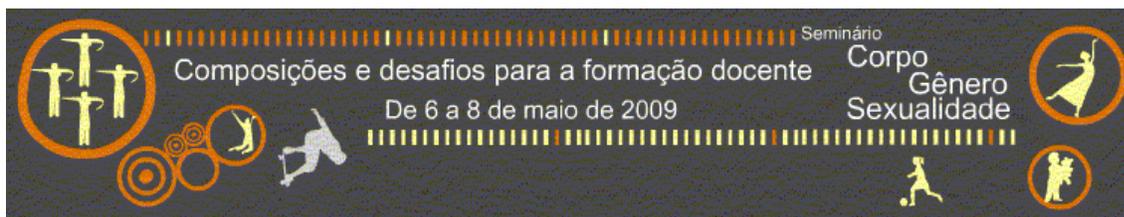


de recuperar a memória da prática do turfe no cotidiano porto-alegrense, compreender como se estabeleciam as relações sociais nesse meio, mais especificamente as diferenças entre o papel e a presença de homens e mulheres inseridos nesse contexto.

O estudo tem como objetivo identificar como ocorreu a presença da mulher no contexto do turfe em Porto Alegre, desde meados do século XIX até o início do século XX. Este estudo histórico está fundamentado no campo de estudos da História Cultural, a qual, segundo Chartier (1990) “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (p. 17). Uma vez que aspectos relacionados à questão de gênero serão abordados no contexto do turfe, é importante termos em conta algumas considerações concernentes a tal conceito.

Scott (1995) refere que a emergência do termo “gênero” se processa a partir dos estudos feministas contemporâneos, caracterizando-se como uma tentativa de elaboração de uma teoria que proporcionasse formas de se analisar e, posteriormente, explicar as constantes desigualdades entre homens e mulheres. Ao adotar a noção de “gênero” como parte do aparato conceitual e linha analítico-interpretativa, se tem a oportunidade de desconstruir a representação engendrada de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos baseados nas diferenças corporais, as quais justificariam determinadas desigualdades, atribuindo funções sociais, determinando papéis a serem desempenhados por cada sexo (GOELLNER, 2007).

O objetivo apresentado foi contemplado por meio de uma revisão bibliográfica e da coleta de informações em fontes históricas impressas, como jornais, catálogo da Revista do Globo, Atlas do Esporte no Brasil, obra comemorativa sobre o Jockey Club de Porto Alegre, etc. As fontes consultadas permitiram a apresentação dos cenários político-econômico e sociocultural da cidade de Porto Alegre no período analisado (1875/1910), da situação em que se encontravam os locais adequados para a prática do turfe, bem como das associações anônimas de caráter predominantemente mercantil que fundaram os prados/hipódromos. Apresentamos como se processou a presença feminina no turfe porto-alegrense em relação à função exercida pela figura masculina nesse contexto.



## **Panorama de Porto Alegre na virada do século XIX para o século XX**

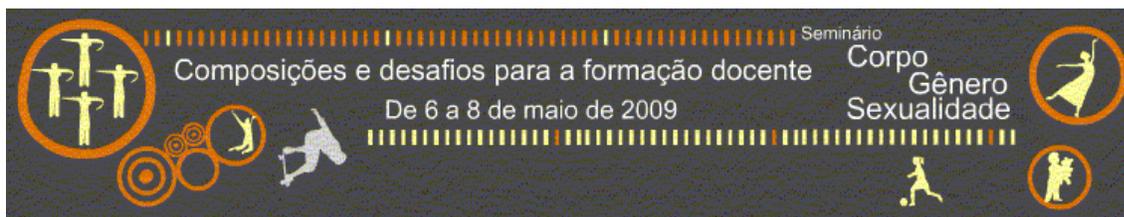
A cidade de Porto Alegre, durante o período da virada do século XIX para o XX, apresentava uma realidade muito peculiar devido ao processo de explosão demográfica, cultural e econômica. A comparação entre dois censos realizados pela Prefeitura Municipal da época, em 1892 e depois em 1916, apresenta uma Porto Alegre que, em 24 anos, havia superado o dobro de seu tamanho em número de construções: em 1892 eram 7.749 construções e, em 1916, já eram 18.078. A cidade também havia presenciado um crescimento significativo da população, o que é atestado pelo fato de que em 1892, havia 73 mil porto-alegrenses e, já em 1916, eram somados 134 mil habitantes, sendo que destes, 30 mil eram estrangeiros (ROZANO; FONSECA, 2005).

Nesse cenário destaca-se o incipiente interesse pelos esportes e os lazeres ao ar livre, concomitante à mudança dos comportamentos coletivos. Até aquele momento, no que se refere às atividades de lazer e diversão a céu aberto, praticamente só havia o antigo costume gaúcho das carreiras de cancha reta. Segundo Rozano e Fonseca (2005), as carreiras de cancha reta eram disputas a cavalo, em pistas retas, em canchas capinadas, sob a medida de quadras, que tinham as apostas como um importante fator de atração para esse espetáculo.

O remo, a ginástica, o ciclismo, o futebol e o turfe eram algumas práticas que haviam mudado o comportamento social do porto-alegrense no período. Com a introdução dos bondes e a conseqüente alteração do quadro viário da cidade, desenvolveram-se os “arrabaldes” ou “arraiais” (o que atualmente denomina-se “bairros”), criando as condições necessárias para o surgimento dos prados, que aprimoravam, com pistas circulares ou elípticas, as antigas carreiras de cancha reta.

### **Prados/Hipódromos da cidade de Porto Alegre**

Na transição do século XIX para o XX funcionavam simultaneamente quatro prados, os quais contribuíram para o desenvolvimento dos bairros onde se localizavam. O primeiro prado foi o Porto-Alegrense, inaugurado em 1877. Localizava-se na antiga Rua Boa Vista, atual Rua Vicente da Fontoura no Bairro Partenon. Esse prado, que se



manteve ativo por mais de 25 anos, trouxe desenvolvimento para o Bairro Partenon até o encerramento de suas atividades no final de 1907.

Em 1881 foi inaugurado o Prado Rio-Grandense, que entrou para a história do turfe e do Bairro Menino Deus, onde estava situado. Perdurou até 1909, na atual Avenida Getúlio Vargas. Sua existência auxiliou a expansão e o crescimento do Bairro Menino Deus.

O Prado Navegantes teve suas atividades iniciadas em 1891. Localizava-se no bairro homônimo, na antiga Rua do Prado (hoje Rua Lauro Müller). Esse prado enfrentou problemas, desde a fundação, com as cheias do Guaíba, porque não havia sistema de drenagem.

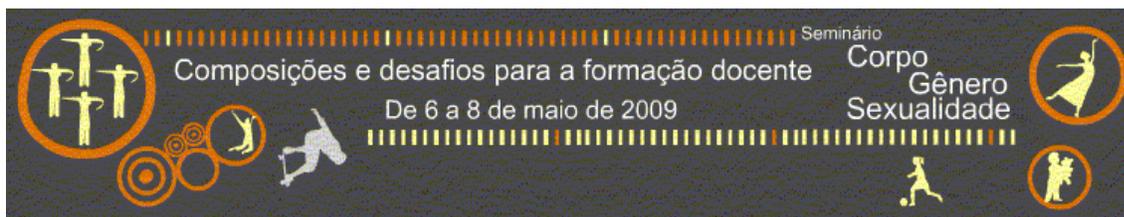
No Bairro Moinhos de Vento, em terreno onde atualmente situa-se o Parque Moinhos de Vento, o Prado Independência abriu as portas em 1894, destinado a tornar-se o único durante muito tempo e a centralizar decisivamente as atividades turfísticas da cidade. Sua abertura foi um dos fatores positivos para a evolução do bairro. Manteve suas atividades por 65 anos, até fechar as portas em novembro de 1959, com a transferência para o Bairro Cristal.

A identidade do turfe em Porto Alegre está estritamente relacionada à elite luso-brasileira porto-alegrense. Associava-se a uma aristocracia de origem rural, de importantes famílias possuidoras de chácaras, que foram ocupando espaços na cidade (REVISTA BAIRRO MOINHOS, 2005). Os homens oriundos dessas famílias eram presença marcante nos prados/hipódromos da cidade.

### **Em busca da presença feminina no turfe porto-alegrense**

Com o intuito de identificar como se processou a presença feminina no turfe porto-alegrense de meados do século XIX até o princípio do século XX, procurou-se analisar o cenário esportivo brasileiro no período estudado.

Com relação à presença feminina no campo esportivo brasileiro sempre existiram imprecisões e tensões (MELO, 2007b). Goellner (2004), corroborando com tal fato, afirma que muitas vezes no passado, e ainda no presente, as condições de acesso e participação das mulheres nesse campo, se comparadas às dos homens, não foram e não são iguais. Ao analisar como se processou tal aspecto no cotidiano das corridas de



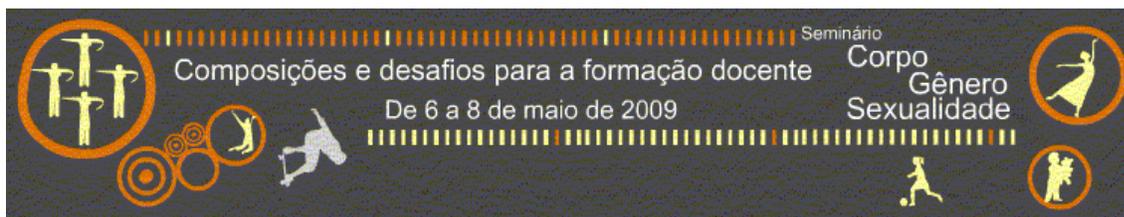
cavalos, Melo (2007a) nos relata a significativa importância que tal prática esportiva teve no que se refere à possibilidade de uma participação social feminina mais expressiva em cidades brasileiras no século XIX, principalmente naquelas de maior porte.

Ao considerar o contexto do turfe em Porto Alegre, depara-se com certa raridade de registros e documentos sobre a presença das mulheres no cotidiano dessa prática equestre, podendo causar a impressão de 'invisibilização' das mulheres nesse esporte. No entanto, o fato de existir mais informações sobre a participação feminina no turfe em cidades como Rio de Janeiro (MELO, 2007b; LUCENA, 2001) e Belo Horizonte (RODRIGUES, 2006), as quais se configuram como capitais de seus respectivos Estados, e onde o turfe também atingiu um período áureo, pode levar a pensar que muitos de seus aspectos pudessem repetir-se em Porto Alegre, dentro de suas peculiaridades.

Aproximadamente na época em que o turfe atingiu seu período áureo, na década de 1890, ocorreu a consolidação do principal e mais importante Prado da cidade – o Prado Independência – tornando-se o espaço preferencial da elite porto-alegrense, mobilizando, inclusive, o público feminino (BISSÓN, 2008).

No entanto, conforme Melo (2007a), apesar de o turfe ter se configurado como uma das práticas que possibilitou o começo da inserção da mulher na vida social, incentivada pelas inovações trazidas da Europa, a partir de meados do século XIX, essa presença nos prados restringia-se às arquibancadas, desfilando seus belos vestidos da última moda e penteados. Rodrigues (2006) acrescenta que as arquibancadas constituíam um lugar elegante dos prados, sendo ocupadas por cavalheiros, senhoras, senhoritas e rapazes da elite da cidade. O povo ocupava o pavilhão inferior dos prados.

Uma vez que os prados eram considerados ambientes aristocráticos e familiares, as mulheres se faziam presentes acompanhando seus pais ou maridos. Inclusive, de acordo com Rozano e Fonseca (2005), mostravam-se interessadas pelos prognósticos para as corridas. Goellner (2004) ainda acrescenta que, nesse período, início do século XX, a natureza da mulher era frequentemente identificada como sendo muito frágil, defendendo a ideia de que o papel da mulher no contexto das práticas esportivas corresponderia, predominantemente, à assistência.



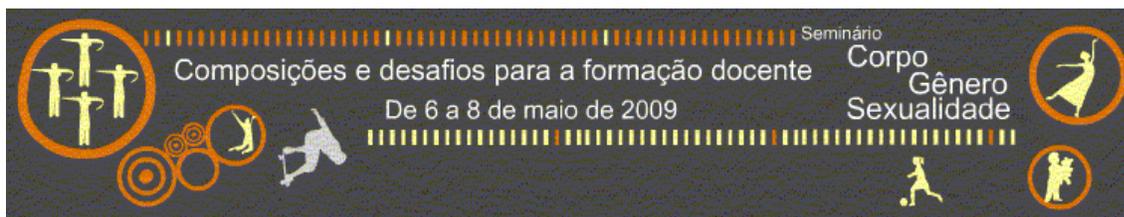
Melo (2007b) lembra que, até meados do século XIX, não era permitida às mulheres uma movimentação significativa, principalmente quando se tratava daquelas que pertenciam às elites.

A presença feminina nos prados era também uma forma de apresentar as mulheres à “alta sociedade”. Dessa forma, passaram a existir novas dinâmicas a partir desse encontro de ambos os sexos nas arquibancadas. Essa realidade pode ser atestada através de um trecho de um depoimento de Leda Rizzo Campos que se refere ao Prado Independência: “Gostávamos de ir ao Prado, todos os fins de semana nós íamos. **Depois que me casei acompanhava meu marido, conheci ele no Prado [...]**” (REVISTA BAIRO MOINHOS, 2005, p. 20, grifo nosso).

Em depoimento de Nelson Fernando Juruena sobre o Prado Independência pode-se verificar a questão da presença da mulher nesse espaço, também associada ao aspecto do *glamour*, elegância e beleza: “[...] O Grande Prêmio Bento Gonçalves era o mais esperado do ano, ficava lotado e todos os homens iam engravatados, enquanto **as mulheres compareciam de chapéu**” (REVISTA BAIRO MOINHOS, 2005, p. 20, grifo nosso).

Para uma melhor compreensão de como se processou a participação feminina no contexto turfístico da época analisada, faz-se necessário considerar que, no final do século XIX, o turfe, na sociedade brasileira, representava o patriarcalismo rural. Além de ter sua identidade construída por meio da apresentação de um caráter elitista, intimamente relacionado com a aristocracia de origem rural, esse esporte associava-se com a figura do senhor barão – *sportman* – o chefe de família, o qual era capaz de distinguir-se de tudo e de todos (LUCENA, 2001).

De acordo com Lucena (2001), além da ocupação de espaço, a atividade ligada aos esportes fazia emergir figuras, como a dos jôqueis e dos *sportmen*, que era como se designavam os barões proprietários dos animais. “O turfe marcava a supremacia do gosto de uma elite afeita a decisões que demonstrava a força de homens ainda muito ligados à vida rural e com fortes características de um tipo de sociedade patriarcal” (LUCENA, 2000, p. 21). Percebe-se, então, uma expressiva desigualdade entre o significado da participação masculina e feminina no cotidiano do turfe, cada qual cumprindo distintos papéis e funções. Também se torna evidente que o turfe é organizado como sendo a



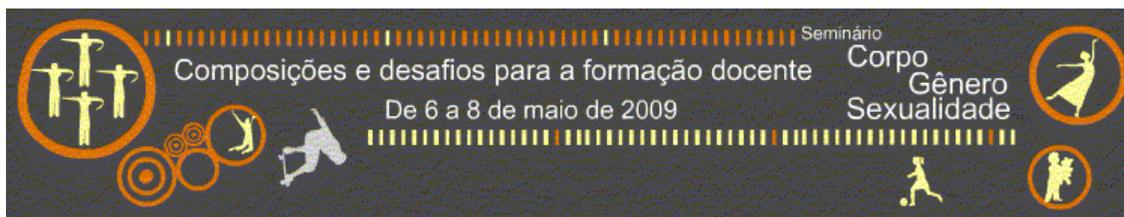
prática esportiva representante do sexo forte, dos patriarcas moradores dos sobrados. Esses eram desejosos de imitar os costumes dos países civilizados europeus, como Inglaterra e França, os quais tinham o turfe como o esporte dos reis, sendo os cavalos uma das paixões das monarquias.

Ainda tratando da figura masculina no turfe, no que se refere ao papel do jóquei, ainda persistiam dúvidas acerca da natureza das atividades físicas, encaradas como similares às manuais (MELO, 2007b). Jesus (1999) relata que a sociedade brasileira apresentava um forte preconceito no que se refere às atividades que exigiam esforço muscular; qualquer simples atividade física que fosse mais exigente era considerada como degradante da moral. Era esperado dos homens que cuidassem do intelecto e dos negócios, não do corpo.

Os exercícios físicos eram, freqüentemente, considerados prejudiciais à saúde e tinham um valor menor se comparados às atividades intelectuais. Aqueles responsáveis pela condução dos cavalos eram, em geral, integrantes das camadas populares ou estrangeiros contratados; excepcionalmente um membro das “melhores famílias” participava das provas, em festivais beneficentes ou datas comemorativas. A participação humana no turfe como espectador, apostador ou criador de cavalos caracterizava também o caráter aristocrático dessa prática.

Todavia, apesar de as mulheres não terem tamanha visibilidade na história das práticas esportivas quando comparadas aos homens, não se pode afirmar, segundo Goellner (2004), que não tenham existido ou que estiveram à margem de determinadas modalidades esportivas. A mulher estava inserida em uma estrutura estritamente conservadora da sociedade brasileira em meados do século XIX, que não lhes oportunizara projeção. Embora a mulher fosse educada pelos pais para exercer o papel de esposa e mãe, a partir da segunda metade do século XIX, esse panorama passa a ser alterado paulatinamente.

Após a independência de Portugal, o Brasil começava a preocupar-se com o reconhecimento das grandes nações mundiais e com os avanços europeus, o que implicava em um aumento no consumo de bens e de costumes importados. Concomitante a tais mudanças, têm-se a influência de ideais das lutas femininas propondo novas perspectivas para as brasileiras, o que envolve, por exemplo, a preocupação com a boa



aparência, com a saúde e, fundamentalmente, com a presença na vida social urbana. Como se pode supor, essa mudança foi lenta e muito mais proeminente para as mulheres pertencentes às camadas sociais mais ricas (GOELLNER, 2004), às quais era oportunizado maior acesso aos bens culturais, à aprendizagem escolar, às inovações européias, como bem se pode exemplificar pela participação feminina no contexto do turfe.

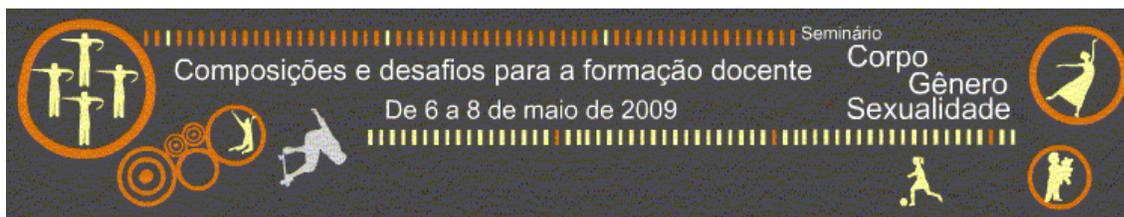
### **Considerações Finais**

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, que foi o de identificar como ocorreu a presença da mulher no turfe em Porto Alegre, desde meados do século XIX até o início do século XX, por meio da análise das informações obtidas através de fontes impressas, pôde-se apresentar algumas considerações.

Na transição do século XIX para o XX, Porto Alegre se encontrava num processo de explosão demográfica, cultural e econômica. Também ocorria a significativa entrada de imigrantes que alteraram o caráter étnico da cidade. Havia o antigo costume gaúcho das carreiras de cancha reta. Com a introdução dos bondes, e a alteração do quadro viário da cidade, desenvolveram-se os arrabaldes, criando as condições necessárias para o surgimento dos prados, que aprimoravam, com pistas circulares ou elípticas, as antigas carreiras de cancha reta.

Observou-se a criação de quatro prados na década de 1890, que funcionavam simultaneamente na cidade. O primeiro prado a ser inaugurado foi o Porto-Alegrense em 1877, mantendo-se em atividade durante 25 anos. Já o Prado Rio-Grandense, no Bairro Menino Deus, funcionou de 1881 a 1909. O Prado Navegantes iniciou as atividades em 1891, perdurando até 1906. E, por fim, o Prado Independência iniciou em 1894 no Bairro Moinhos de Vento até ter sua sede transferida para o Bairro Cristal em 1959.

Ao constatarmos a existência de raros registros e documentos sobre a presença das mulheres no contexto do turfe em Porto Alegre, a qual foi uma das limitações encontradas ao longo da realização desse estudo, teve-se a impressão de 'invisibilização' das mulheres nesse esporte. Porém, por meio da análise de informações sobre a participação feminina no turfe em cidades como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, pôde-se

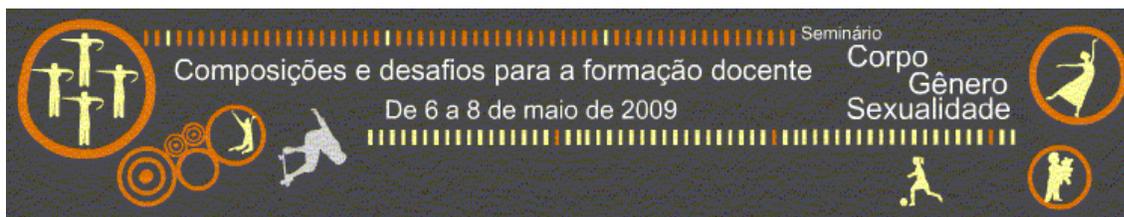


considerar que muitos de seus aspectos pudessem ter se repetido em Porto Alegre, dentro de suas peculiaridades.

Assim, apesar de o turfe ter se consolidado como uma das práticas que proporcionou o início da inserção da mulher na vida social, a partir de meados do século XIX, essa presença nos prados restringia-se às arquibancadas. Percebe-se que as arquibancadas associavam-se com a elegância dos prados, sendo ocupadas pelas famílias de elite da cidade.

O papel feminino no cotidiano turfístico resumia-se, assim, ao mero acompanhamento de seus pais ou maridos, além de atentar à moda e à elegância, embelezando os prados. Nesse período, a presença da mulher no cenário esportivo correspondia, predominantemente, à assistência, já que era considerada frágil para tornar-se uma praticante de esportes. Constituía também uma oportunidade de apresentar as mulheres à “nata da sociedade”, procurando arranjar casamentos por conveniência, os quais, muitas vezes, só interessavam pelo novo e promissor rumo que conferiam aos negócios.

Tal realidade estava inserida no patriarcalismo rural, com o qual o turfe tinha sua identidade relacionada. A lógica elitista e aristocrática rural que organizava essa modalidade eqüestre é que conferia as noções de respeito e poder à figura masculina, enquanto que a presença feminina era relegada a um segundo plano, de conveniências. Somente a partir da segunda metade do século XIX é que esse panorama começa a ser alterado paulatinamente, com uma maior preocupação feminina com os aspectos físicos e sociais, especialmente àquelas mulheres pertencentes à elite, as quais vislumbravam tal mudança desde o alto das arquibancadas dos prados.



## Referências

- BISSÓN, Carlos. **Moinhos de Vento: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- GOELLNER, Silvana. **Mulher e Esporte em Perspectiva**. 2004. Disponível em [www.esporte.gov.br/arquivos/mulher\\_esporte/esporte\\_mulher.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf).
- GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 174 -196, mai/ago 2007.
- LUCENA, Ricardo. Rio de Janeiro: Cidade, Esporte e a Construção da Capital do Brasil. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. Aracruz, ES: FACHA, 2000. (v. 5).
- LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**. Ed. Autores Associados, 1ª edição, 2001.
- MAZO, Janice. **O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo (1929-1967)**. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004 (CD-ROM).
- MELO, Victor de. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas: Autores Associados, 2007a.
- MELO, Victor de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.54, p.127-152 – 2007b.
- PEREIRA, Ester Liberato. **A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910): alguns tropeços em meio a um vitorioso galope**. Porto Alegre, 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, UFRGS.
- REVISTA BAIRO MOINHOS. Porto Alegre. Ano 2 - Nº 5 – Inverno 2005. Edoor Editora.
- RODRIGUES, Marilita. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. Belo Horizonte. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2006.
- ROZANO, Mário; FONSECA, Ricardo da (Orgs.). **História de Porto Alegre: Jockey Club**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, nº 20, p.71-99, 1995.